**Vou pedir para vocês primeiro falar o nome.**

Meu nome é Wesley Libarina da Silva. [103]

*E o meu Elenir Lúcia da Silva. [104]*

**Vocês são casados, companheiros?**

*Companheiros*.

**Tem quanto tempo que vocês estão juntos?**

*Um ano.*

**Vocês hoje vieram pedir vaga em acolhimento?**

*Isso*

**Vocês estão na rua há quanto tempo?**

*4 dias.*

**Vocês estão vindo de onde?**

*Patrocínio, Minas Gerais.*

**Vocês moravam lá?**

*Sim.*

**Vocês moravam de aluguel?**

*De aluguel*

**O que aconteceu?**

*A gente vem em busca de trabalho. Por que Patrocínio cidade interior muito pequena. Literalmente, sem trabalho.*

**Vocês chegaram tem 4 dias e vocês estão onde?**

*Na rua.*

Aqui, por enquanto, a gente está na rua, né, esperando resposta da Secretaria de assistência social para ir para um abrigo.

**Vocês vieram como de Patrocínio para Brasília?**

*De ônibus.*

**Chegando aqui vocês desceram na Rodoviária e vocês ficaram lá na Rodoviária, ou vocês foram para algum lugar específico?**

Não. A gente já pegou o metrô, veio para a Rodoviária do plano piloto, do plano piloto a gente veio direto para cá para São Sebastião, que é uma região assim que eu tenho mais conhecimento, há muito tempo atrás eu passei aqui na cidade, né, seria mais fácil a gente, né, tentar resolver as nossas coisas aqui.

**Então você já sabia que tinha aqui o serviços de acolhimento?**

Isso.

**Você já foi acolhido aqui em alguma casa?**

Há 10 anos atrás, numa casa chamado casa Santo André, no gama.

**Vocês chegaram, vieram para cá, e aí procuraram aqui Creas? Como é que foi essa experiência?**

Foi uma experiência não muito boa, né, é porque a gente esperava ter um atendimento da forma de eles atender a gente. Eu falo assim, de, de ser rápido, né, da gente poder ir para um abrigo rápido, mas a gente não esperava ter que ter essa resposta a longo longo prazo, ter que ficar assim na, na, na rua, a mercê da chuva, à mercê do tempo, né, *de outras pessoas* *envolvido com outro tipo de coisa que a gente não é*, *né,* *aí fica* às vezes exposta mesmo a violência, que tem muito usuário de droga e tudo, e como a gente carrega a nossas coisas e tem também o nossos documentos, né, a gente fica com medo de de ser roubado e perder nossos documentos, que hoje está muito difícil. Pra gente adquirir novamente os documentos, ainda mais agora, nas nas festividades. É um pouco meio complicado.

**Nesses 4 dias que vocês estão na rua, vocês já pediram vaga no primeiro dia que chegaram?**

*Desde o início, desde o primeiro dia, sempre com a resposta não, não, não.*

**A resposta é sempre que não tem vaga?**

*É.*

**Como é que eles falam para vocês que não tem vaga?**

*Gente, está assim, eles fazem a gente vim 3 vezes ao dia, é de manhã, às 14 horas e às 17 horas. Aí eles falam assim que estão, não tem vaga porque a demanda é muito alta.*

**Enquanto isso vocês vão ficando onde?**

*Sem tomar banho, sem alimentar direito. Imagina, você sem tomar banho, sem alimentar direito, tomando chuva do jeito que a gente tomou, esse aqui passou mal antes de ontem, adoeceu, gripe.* *Aí a gente, antes de ontem, foi sexta-feira, ela mandou a gente simplesmente* *lá na UPA 24 horas fazer o teste do covid.* *E se tivesse com covid ia ficar na rua?* Contaminando outras pessoas? *Contaminando outras pessoas?*

Porque hoje não pode, não, ter internação. Porque eu já peguei a covid a primeira vez em São Paulo, né, aí fiz o teste na UBS, no bairro Santana, na zona norte de São Paulo, e foi constatada a covid. Só que eu perguntei ao médico se teria alguma medicação, se teria alguma internação e simplesmente ele falou pra mim que não teria, que era pra mim poder voltar de novo para a rua, e poder se tratar bebendo, bebendo água, se hidratando com fruta e essas coisas, então, ou seja, eu dormia na rua, na maior Rodoviária, praticamente da América do sul, que é a rodoviária, terminal rodoviário Tietê, e circulava várias vezes dentro do Tietê, então, ou seja, estava passando a covid para outras pessoas.

*E assim, se fosse no mesmo caso dele de novo. O que é que tinha acontecido aí? A pergunta que não se quer, quer se calar, como que eles pode atender as pessoas assim?*

**Vocês procuraram a saúde também aqui? Como foi?**

*Procuramos, péssima.*

**Me contem essa história.**

*Uai, eu cheguei lá no atendimento lá. Eu tenho pressão alta, muito alta, para ser atendido, porque eu estou com afta já tem mais de mês. A moça falou para mim ontem: se faz uso de remédio controlado? Falei, faço. Há! Então, deixa eu te falar aqui hoje é só emergência. Ou seja, não é no seu caso, não. Você vai procurar a UBS do bairro, eu falei, minha filha, eu sou moradora de rua, cheguei aqui sexta-feira, sou moradora de rua, sou moradora de rua. Ela falou assim, não, mas lá eles vão te atender. Impossível, sem comprovante de residência eles atenderem* no postinho de saúde*.*

**Vocês não conseguiram atendimento?**

*Não teve atendimento para nós.*

**Em Patrocínio****vocês já estavam há quanto tempo?**

*Há, não. Em Patrocínio já tinha um ano. Não, na realidade eu já morava lá antes, aí eu conheci ele em Uberlândia a gente foi pra Patrocínio. A gente ficou um ano lá.*

**Vocês pagavam aluguel?**

*Pagava, só que o aluguel lá é imenso, terror, R$700,00 de aluguel para quem ganha um salário.*

Eu trabalhava de pintura lá, que sou pintor profissional. *Ele é pintor profissional.* E aí a gente alugou uma casa e fui comprando as coisas e estava vivendo a vida normal. Depois acabou o serviço, acabou as obras, não tinha mais serviço, a gente foi obrigado a ir para outra cidade, foi que foi que a gente veio pra cá.

**Você mencionou que há uns 10 anos atrás você esteve aqui, ficou acolhido.**

É, mas já tem muito, muito tempo mesmo. Quase uns 10 anos.

**Essa foi a sua primeira experiência de ir para a rua? Ou antes disso você teve outra experiência?**

A minha experiência? Não, foi eu vim do nada também, né, mas só que eu tinha, eu vim porque colegas meu que passaram na casa falou bem assim, pode vim que aqui você vai ter acolhimento. Não precisou nem eu procurar assistência social, fui diretamente na casa, porque era a casa, assim, era um albergue, mas assim, religioso, católico, então foi muito fácil para mim poder entrar.

**Mas por que que você foi para a rua?**

Da outra vez, eu retornei de volta pro meu estado porque eu não consegui serviço na região do gama.

**Mas você morava onde antes?**

Antes de vir pra cá eu estava na Bahia.

**Antes dessa vez, quando estava na Bahia, antes disso, você teve alguma experiência na rua?**

Não, não. Foi a primeira vez.

**Você resolveu sair da Bahia e vim para cá porque?**

Sair da bahia pra cá? Geralmente para isso mesmo, para poder tentar conseguir alguma vaga, porque nessa época, há 10 anos atrás, quando eu vim pra cá, estava tendo muitas obras aqui em Brasília, de pinturas, né.

**Você já era pintou profissional?**

Sou pintor desde 16 anos de idade. Então, assim, pra mim seria um ponto forte para mim, porque aqui estava tendo muitas construção, né, muitas pinturas, então eu achei que iria dar certo, né, pra mim. Até mesmo porque eu era solteiro, não era casado, então, eu falei, eu vou arriscar, então, foi o que eu fiz, né, e não acabou dando certo, aí tive que retornar de volta pro meu estado, aí, de lá, quando eu voltei pra Bahia eu fui para Minas. Lá, consegui trabalhar na Opção Construtora, prestei alguns serviços la, né, trabalhei na MRV Construtora também, que é uma das maiores construtoras do Brasil também, né, na parte terceirizada da pintura. Trabalhei também avulso também, assim, por minha conta própria, né, eu, eu mesmo pegava o serviço na diária, na empreita. Então pra mim foi muito bom, assim, entendeu, em Minas.

**Nesse tempo todo, esses trabalhos que você fez, eles eram carteira assinada ou tudo sem carteira assinada?**

Só na MRV construtora que eu consegui trabalhar de carteira assinada.

**Ficou quanto tempo na MRV?**

Na MRV eu fiquei só 5 meses só. Aí saí, sai da MRV, aí, foi foi quando eu conheci ela, aí fui para Patrocínio, eu cheguei lá, eu comecei a trabalhar a diária, né, pra um empreiteiro de obra da da cidade.

**E você (Elenir), é a sua primeira experiência em situação de rua?**

*[Balança a cabeça afirmativamente]*

**E antes, lá em Patrocínio, antes de conhecer o...**

*Doméstica e faxineira.*

**E carteira assinada também?**

*Sempre, sempre.*

**Não apareceu mais trabalho?**

*Enfim, nada muito ruim de serviço, como havia te dito, a cidade virou, nossa, vou te falar um negócio, tá um caos, muito imigrante na cidade. Mas é, caso a gente procura, ainda acha alguma coisa, muito pouco. Mais é na lavoura, capinar, café que não é época, no caso, não é, às vezes plantar café, que é isso mesmo que lá tem, Patrocínio é interior, acho que você já ouviu falar. É região de lavoura mesmo.*

**E a família de vocês?**

*A minha família está toda lá.*

**Vocês mantêm contato?**

*Sim, antes do meu telefone quebrar. Eu falei para ele, eu nunca vi uma coisa dessa acontecer. Parou de carregar, do nada. Aí eu tirei e coloquei na bolsa. Quando no outro dia eu acordei e falei eu vou tentar ver se ele está carregando, ele rachou de cima embaixo.* A tela trincou. *Eu falei, não acredito que é pra acontecer isso comigo.*

**Você (Wesley) mantém contato com sua família?**

Mantém sempre pelo Facebook. Meus irmãos, que mora em Santa Catarina. Minha mãe que mora em Salvador, na Bahia.

**Eles dão algum apoio para vocês?**

*Não.*

**Tem condição de dar?**

*A mãe dele pode até dar, porque ele não procura não.*

Não procuro não. Não quero procura porque eu fui criado por minha avó e minha avó faleceu. Então, como eu fui criado com minha vó, o meu laço com minha mãe não é aquele laço, aquele vínculo de filho, de mãe e filho. Sim, a gente se fala, tem tudo, mas não tem aquele aquele afeto, aquela afinidade, assim, próximo, entendeu, mas eu considero como minha mãe, converso com ela e tudo. Mas pra viver, assim, ou eu ligar para ela e pedir ajuda não.

**Então você sempre morou com a avó?**

Com a minha avó, minha finada avó.

**Até que idade?**

Até mais ou menos uns 20, 21 anos, se não me engano.

**Você sabe dizer por que você foi morar com a avó?**

Não, foi desde criança, desde pequeno, desde até, né, recém-nascido, né.

*A mãe dele não tinha juízo, não.*

A minha mãe tinha 16 anos na época, quando me teve, não tinha capacidade para criar uma pessoa, uma menina de 16 anos. E aí, minha avó e meu avô chegou e me pegou para criar, porque a minha saia e me deixava sozinho dentro de casa.

**E você (Elenir)?**

*Não, eu tá tranquilo, minha família, meus pais eram casados. Vivia com eles mesmo.*

**Vocês estudaram?**

*Eu estudei até a oitava série.*

**E você?**

Eu terminei o ensino fundamental completo já, mas não fiz o primeiro, segundo, terceiro ano.

**E por que que vocês não deram continuidade?**

*Aí, eu já vou falar logo arrumei filho com 17 anos de idade, mas eu, depois eu, eu voltei para a escola, mas era aquela coisa, você ia estudar, o telefone tocava, não, cê pode vim embora porque a menina está aqui chorando. Eu falei, meu Deus, vou ter que parar de estudar. Agora dá uma chance toda, mas já estou ficando velhinha, né.*

**E você?**

Eu, eu, por causa do trabalho, entendeu, e assim eu não era muito fã de estudar, não.

*Ele falou comigo isso hoje.*

Eu não era muito fã de estudar, não. Eu sabia que era uma coisa que *ia fazer falta*, sabia que era uma necessidade, né, você tem que estudar para poder conseguir almejar coisas maiores na frente, mas como eu já tinha profissão e ganhava bem, então, eu deixei totalmente o estudo de lado, porque quando eu trabalho na diária, eu ganho R$180,00 na diária, por dia no trabalho. Então, ou seja, quando eu pego o serviço de empreita, então, eu trabalho para mim mesmo, entendeu, então, não tem um compromisso com a empresa, de chegar e bater ponto e chegar na hora certa. Então, eu trabalho, eu chego na hora que eu quiser no serviço, não que eu queira, né, é claro que a gente quer oferecer o melhor serviço da gente, né, pras pessoas, mas vou falar uma coisa para você, às vezes estudar, às vezes a gente estuda, estuda, estuda e não consegue almejar muitas coisas com o estudo. Que eu tenho uma tia minha que ela terminou o curso de técnico de enfermagem e até hoje ela está aí, tentando, tentando, tentando entrar no mercado de trabalho nessa área, nos hospitais, e continua trabalhando de loja.

**Você falou do seu filho, onde ele está?**

*Faleceu.*

**Já tem quanto tempo?**

*Tem 8 anos.*

**Ele faleceu de que?**

*Matado. Não gosto nem de falar disso.*

**Antes dessa casa em que vocês viveram em Patrocínio vocês moraram em que outra casa?**

*Antes dessa casa, eu uma conheci ele na rua. Lá em Uberlândia.*

**Você já estava na rua?**

Eu já estava, só que ela tinha casa.

*Ai é muito engraçado, mas não é*.

Ela deixou a casa dela para viver comigo na rua.

**Você já estava há quanto tempo na rua.**

Na rua tinha mais ou menos, quase um ano, cara. Quase um ano.

**Então você está sempre alternando, um tempo está na rua, outro tempo vai para uma casa, um aluguel, depende de que, como é que, como é que é isso?**

No caso, oportunidade, né, quando eu estou trabalhando, aí eu alugo uma casa e vou ficar dentro de uma casa. Mas aí, quando eu estou parado, aí eu volto para a rua, porque eu não tenho mais condição de alugar uma casa, então fico na rua. Porque eu já tenho uma deficiência, mas eu não recebo nada do governo federal.

**Você já nasceu com essa deficiência?**

Já nasci assim.

**E nunca conseguiu benefício?**

Nunca consegui benefício nenhum, tanto aposentadoria, *com esse prol que a gente veio aqui, por isso*

**Mas você já tentou?**

Tentei somente uma vez.

**Onde foi você?**

Lá na Bahia, aí eu perdi na perícia.

**Mas você procurou direto o INSS ou você procurou um CRAS?**

Na verdade, foi minha vó que procurou, porque nessa época eu era criança. Tinha acho que tinha 10 anos de idade.

**Você mesmo nunca foi atrás?**

Nunca mais procurei INSS, não, por conta própria. Até mesmo porque quando eu completei 15 anos, 16 anos, já fui, meu tio foi me ensinando a profissão de pintura, né, aí eu fui me profissionalizando, fiz curso, fiz tudo. Então, eu comecei a pegar serviço, né, e trabalhar junto com ele, porque ele é um empreiteiro que não faltava serviço para ele. Então, como eu era ajudante dele, eu também não ficava parado. Eu trabalhava o ano todo, todo ano tinha serviço pra mim. Então, eu fui aprendendo a profissão e não quis mais procurar o inss.

**Você tem mais ou menos uns 10 anos que foi sua primeira experiência na rua?**

Na rua é isso.

**De lá para cá você está sempre alternando, conforme vai aparecendo as oportunidades de trabalho?**

Isso aí, tipo, eu estava na rua, né, eu fui para Santa Catarina, estava ali na rua em Uberlândia e fui pra Santa Catarina. Cheguei lá, arrumei trabalho, fiquei lá 2 anos trabalhando lá. Depois a empresa mandou embora. Eu retornei de volta.

**E como é que você vai escolhendo os lugares que você vai?**

Eu, eu, quando eu vou para uma cidade, eu sempre procuro pesquisar a cidade. Quantos habitantes tem na cidade, se é uma cidade, no que sentido que ela trabalha, se é uma cidade que trabalha voltado para a agricultura, se é, é um, se o foco, há muitos comércios, indústrias, essas coisas, então eu procuro mais pesquisar, entendeu, em relação a isso, porque eu procuro trabalhar dentro da minha área, então se eu for para uma cidade que não tem muitas pinturas, então eu vou ficar totalmente perdido na cidade, então, eu procuro pesquisar, primeiramente, a cidade.

**E você (Elenir), como é que foi essa história de vocês?**

*Eu sigo a cabeça dele.*

**Mas lá em Uberlândia, como é que foi esse negócio? Você morava em uma casa...**

*Eu morava em casa, eu desci do coletivo, fui pra poder sacar um dinheiro na Rodoviária de Uberlândia, que lá tinha um...*

**Você morava com quem nessa época?**

*Eu e minha filha e meu genro.*

**Tem uma filha?**

*Essa casa era minha.*

**Tem uma menina?**

*Tem duas filhas. São casadas, a casa era minha, eles que vieram de Patrocínio para Uberlândia. Eu conheci a pessoa, aí eu fiquei sem ir na minha casa uns 6 dias. Aí eu fui no sétimo dia.*

**Essa foi a primeira vez que você ficou sem ir para casa?**

*Foi, foi, nunca tinha acontecido isso não. Aí eu fui para casa no sexto dia que ele falou vai lá na sua casa, volta lá, vê como é que tá seus filhos lá. Fui. Aí fiquei 2 dias e voltei de novo atrás dele, aí tô até hoje.*

**Você falou que toma alguns remédios. Me conta essa história?**

*Eu tomo remédio, eu sou hipertensa. E faço tratamento de bipolaridade desde 22 anos de idade.*

**Como é que você descobriu esse negócio?**

*Ha, eu fiquei muito louca na época, fiquei de psiquiatria, hoje não. Hoje eu sou, tô muito melhor que antes. Eu fiquei na psiquiatria 18 dias. Depois, matou meu menino voltei a dar de novo. Aí fiquei, estou fazendo remédio contínuo até hoje.*

**Como é que era sua vida antes de descobrir a bipolaridade?**

*Há, não, era sempre estressante, mas você não sabia com o que que era o que você estava lidando. Uma hora eu estava bem, outra hora estava inimiga de todo mundo, é terrível. Não é bom.*

**Você que procurou ou alguém...**

*Minha irmã que me levou, por minha conta não tinha ido não, pergunta ele se eu gosto de médico.*

**E hoje, como é que é? Você faz o acompanhamento direitinho?**

*Faço, agora não. Agora eu estou uns 3 meses que eu não vou no médico.*

**Lá em Patrocínio você estava indo?**

*Tava, tem uns 3 meses que eu não vou no médico, mas hoje eu queria levar, trocar a minha receita, que era hoje, que era para eu ir, mas igual tô te falando, eles não atende morador de rua, assim, não tem como.*

**Você tentou onde aqui?**

*Como que chama lá, amor?* UPA 24 horas.

*Isso, isso, lá. A Jéssica falou que eles não me atende sem comprovante de residência.* Na UPA, né? *E aí eu tô tomando sabe o que? O remédio que é dele. Porque se não eu não durmo, não durmo.*

**Nesses dias que vocês estão aqui tentando a vaga, vocês estão dormindo onde? Como é que você está escolhendo os lugares?**

*Aleatoriamente. Essa noite foi numa academia, choveu a noite inteira, você viu, né? Mas a gente já dormiu uma noite no coreto, uma noite na praça, começou a chover na grama da praça, começou a chover, aí a gente já perdeu o cobertor, aí começou a chover, ele acordou e a rapidamente nós foi esconder debaixo de uma marquise, que é de um bar. Mas do nada a água já começou a escorrer. Tá muito difícil, então tá fácil. E é isso aí.*

**E com comida, como é que vocês tão fazendo?**

*Ele pede.*

**Está conseguindo?**

Consigo. Eu vou nas casas, né, e peço pra para as pessoas. *Eu não dou conta*. E aqui, de dia, a gente pede dinheiro, *pergunta se eu peço,* ela não, que ela tem vergonha, mas eu não tenho vergonha, não, bato nas portas mesmo, vou nas loja, peço para os povo, aí a gente vem almoçar aqui é mais barato, *que é R$1,00, aí a gente come aqui,* *mas não tem janta, cê sabe*. Aí a noite a gente bate nas portas, *você mora aqui nessa região?* ***Moro ali pra cima, no magueiral,*** *ali pro morro da cruz,* ***não, pro outro lado, subindo,*** *há ta.*

**Vocês já moraram de favor na casa de amigos ou de algum parente?**

*Eu não.* Não. *A gente foi na casa da família dele, em Santa Catarina. A gente já foi lá*.

**Vocês foram a passeio ou chegaram a morar um tempo?**

*À passeio.* Fomos à passeio. *Aí nóis ficou na casa do meu cunhado, que é o irmão dele.* Nóis ficou em Navegantes e ficou em Brusque também.

**E nos outros lugares por onde vocês passaram?**

*Aí a gente voltou pro Patrocínio, ficou uns dias na casa da minha filha, mas não foi nem 15 dias, né, amor?* Aham. *Aí nós já alugou uma casa muito rápido.*

**Vocês já foram presos?**

Já fui preso uma vez, mas por um negócio de briga, de cachaça.

**Tem quanto tempo?**

*Nóis não é desordeiro, não,* mas é porque eu bebo, entendeu, *isso quando bebe,* às vezes, quando eu bebo eu fico meio alterado, aí eu fui dormir na delegacia uma vez para ver se melhorava.

**Isso tem quanto tempo?**

Acho que uns 6 anos, já, depois nunca mais. Eu batia na grade pra pedir pro policial pra me soltar, o policial falava assim, deixa eu ver se você tá melhor mesmo, não, você tá alterado, ele dizia vai deitar para você melhorar, quando você melhorar você sai. Aí foi quando me liberou. Mas é fala pra você, é ruim demais.

**Mas você só bebe ou você chegou a usar alguma outra coisa?**

Droga eu já experimentei, mas o meu organismo não aceitou. Só cachaça mesmo.

**Você experimentou o quê?**

Todo tipo. Jájá experimentei cocaína, já fumei crack. Mas tudo me deu dor de barriga, me deu aquela ânsia, ânsia de vômito. Deixei pra lá.

**Ela falou que toma o seu remédio. Qual é o seu remédio?**

*Levozine.* Eu tomo Levozine, por conta do álcool, do grande excesso de álcool, então eu não durmo direito. Às vezes, eu fico uns 3 dias sem dormir à noite, quando eu vou cochilar, cochilo assim, de dia, mas não consigo dormir, assim, dormir mesmo a carga normal mesmo do sono. Não consigo dormir. E aí quando eu durmo, é mais ou menos 1 hora por dia, 1 hora e meia, emtão, desgasta bastante, né.

**Quando você procurou um médico para cuidar disso?**

Porque, assim, lá em Uberlândia, na rua, tem umas ambulâncias na rua chamado consultório de rua, que eles vão pra rua pra saber tá os moradores de ruas, como é que está a saúde e tal. E aí, às vezes, acaba fazendo exames na gente, né, inclusive eu fiz exames de hepatite, fiz exames de sangue, todo tipo de exame de sangue. É exame sexualmente transmissível, HIV, essas coisas, né, graças a Deus, deu tudo no normal. Não tenho nada, tudo negativo. Mas, assim, o psicólogo, né, eu conversei com o psicólogo e aí ele passou pra mim um remédio levozine de 25 miligramas, para mim poder dormir, é um remédio que eu consigo, né, descansar, *nossa,* meacalma bastante.

**Você pega ele no posto ou você compra?**

Pego na rede pública, eu tenho até a receita aí ó, eu peguei remédio para 2 meses. Aí quando acaba a medicação, aí eu vou em algum posto para poder renovar a receita de novo, entendeu, pra poder pegar mais remédio.

**Tem quanto tempo que você descobriu isso, que você passou a tratar?**

Tem mais ou menos uns, rapaz, não me lembro muito bem assim, mas acho que já tem mais ou menos uns 8 meses, né, que eu estou tomando esse remédio. Eu só durmo com ele. Aí a minha esposa também está tomando porque ela está sendo os remédios dela. *Ai meu Deus, e essa revolta que eu fico no meio da rua.*

**E nesses dias que vocês estão na rua, vocês falaram e a gente sabe, que às vezes é meio arriscado mesmo.**

*Meio [arriscado ficar na rua]?* *Essa noite o que você viu lá?* O cara tava fumando crack lá perto da gente, né, aí eu cheguei. Nessa hora eu tinha saído para pegar água, aí eu voltei, estava lá fumando, né, essa daqui estava dormindo. Sentei lá e fiquei, tomei uma cachaça, fiquei sentado. [Ele falou] ei, não ta atrapalhando aqui não, pode fumar aí de boa? [respondeu] Se ta usando o que você tem pode fumar aí de boa, eu não fumando!? Né, não me prejudicando se pode fumar seu trem para lá, fumou o trem dele lá, depois foi embora. *Não, entrou em pânico quando viu a viatura*, mas não perturbou não. Daí quando passou uma viatura lá devagarzinho, já se assustou, já jogou o cachimbo pro lado e foi embora. Mas não falou nada, não.

**Você se considera branco, preto, pardo, amarelo ou indígena?**

*Eu considero a minha pessoa preta*.

**E você?**

Cara, na minha certidão de nascimento ta pardo.

**Mas o que você...**

O que eu me acho? Rapaz, moreno é o que? Pardo?

*Não existe moreno, ou é negro ou não é.*

Eu sou pardo, eu estou puxando mais pra, eu não sei né, pessoal fala que negro é aquele que tem um cabelo ruim, mas meu cabelo eu não sei se meu cabelo é bom, se meu cabelo é ruim, meu cabelo não é tão ruim assim, também não, sei lá. Eu considero, sei lá, acho que eu tô puxado mais para índio. Porque minha mãe é morena do cabelo bem liso, o cabelo da minha mãe é bem liso, liso, liso mesmo, mas eu como eu não conheci o meu pai, eu não sei como era o meu pai, então talvez eu devo ter puxado a ele. Né, porque o meu, a minha irmã tem um cabelo liso, meu irmão tem um cabelo liso também, só eu nasci com cabelo assim. Nós somos de pais diferentes dos meus irmãos.

**Você está quantos anos?**

Hoje eu tô com 31 anos.

**E você (Elinir)?**

*46*.